



**INSTITUTO SUPERIOR DE EDUCAÇÃO PRÓ-SABER
LICENCIATURA EM NORMAL SUPERIOR**

ALICE EUGENIA DE SOUZA OLIVEIRA

O ENFRENTAMENTO NA MINHA FORMAÇÃO

Rio de Janeiro

2022

ALICE EUGENIA DE SOUZA OLIVEIRA

O ENFRENTAMENTO NA MINHA FORMAÇÃO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto Superior de Educação Pró-Saber como requisito parcial para a obtenção do Grau de Licenciado em Normal Superior, com Habilitação em Magistério da Educação Infantil.

Orientadora: Professora Patricia Gonzales

Rio de Janeiro

2022

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

O529e Oliveira, Alice Eugenia de Souza

O enfrentamento na minha formação / Alice Eugenia de Souza
Oliveira.– Rio de Janeiro: ISEPS, 2022.–
39 fl. il.

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto Superior de Educação Pró-Saber, 2022. Requisito parcial para a obtenção do grau de Licenciado em Normal Superior, com habilitação em Magistério da Educação Infantil.

Orientador: Professora Professora Patrícia Gonzales

1. Educação infantil. 2. Formação de Professores. 3. Memória de Formação. 4. Brincar.. I. Título. II. Orientadores. III. ISEPS. IV. Instituto Superior de Educação Pró-Saber.

CDD 372

LICENÇAS

Autorizo a publicação desse trabalho na página da Biblioteca do Instituto Superior de Educação Pró-Saber ou em qualquer meio que julgue adequado, tornando lícita sua cópia total ou parcial somente para fins de estudo e/ou pesquisa.

Essa obra está licenciada sob uma Licença **Creative Commons**, maiores informações <http://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/3.0/>.

Rio de Janeiro, 28 de junho de 2022.

ALICE EUGENIA DE SOUZA OLIVEIRA

ALICE EUGENIA DE SOUZA OLIVEIRA

O ENFRENTAMENTO NA MINHA FORMAÇÃO.

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto Superior de Educação Pró-Saber como requisito parcial para a obtenção do Grau de Licenciado em Normal Superior, com Habilitação em Magistério da Educação Infantil.

ORIENTADOR

Professora

LEITOR

Professor(a)

Rio de Janeiro

2022

Dedico esse trabalho primeiramente à Deus, pois sem ele nada seria possível.

À minha família, meu filho e meus alunos que junto de mim estão caminhando, fazendo com que eu me reinvente a cada dia.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente à Deus por ter me dado a oportunidade de viver e trabalhar com as crianças, seres de luz que me fazem enxergar o belo da vida todos os dias.

Agradeço a minha mãe, Cicera Eugenia, por junto de Deus tornar essa história realidade, por essa força que me inspira e sua garra que me alimenta. Um ser humano incrível a quem eu devo tudo que sou hoje. Por me apoiar e ser tão carinhosa todos os dias da minha vida.

Agradeço ao meu marido, Yuri, por todo cuidado nesse processo e por ter caminhado junto comigo, me instigando a querer mais e aprender mais. Por ter me dado minha maior certeza de vitória e inspiração da vida, nosso filho Natã, que, mesmo sendo um bebê, me dá forças para lutar e hoje é o motivo principal de eu ter acabado esse projeto monográfico.

Agradeço à Irmã Viviane, pelas oportunidades e por enxergar em mim o que eu não enxergava, ver uma capacidade e conseguir me fazer ver a luz que brilha dentro de mim.

Agradeço à Ágata, por toda parceria e empurrões que me encorajam, fazendo com que eu vá ao encontro do que eu realmente amo.

Agradeço à Silvana, Rosane e Vitória, por me ajudarem nessa construção e crescimento. Mesmo com tão pouco tempo de trabalho, já temos bastante história e evolução das crianças para contar, não basta querer educar e sim ter ao lado pessoas que te ajudam para que esse desenvolvimento aconteça.

Agradeço a todos os pais de meus alunos, que me mostram a cada dia o quanto o trabalho está sendo bem realizado e fazendo sentido, sem eles nada disso aconteceria.

Agradeço às minhas crianças por existirem.

Agradeço a minha família por me darem forças, mesmo longe.

Agradeço à minha orientadora Patrícia, por ter me ajudado nessa linda construção de projeto e na construção da concepção do olhar, olhar para um futuro lindo que estou construindo e ainda vou construir.

Agradeço a mim, por acreditar em mim mesma.

Agradeço aos meus irmãos, João Pedro, João Ricardo e Francisco, pois sem eles nada eu seria.

Agradeço aos meus colegas de turma, por terem segurado minha mão em diversos momentos, em especial, Cleidiana, que estará comigo para sempre, uma amiga/mãe que a vida me deu.

Por fim, agradeço ao meu pai, Jorge Luiz, por me amar muito e cuidar de mim com todo zelo. Essa monografia é mais do que nunca por ele, que lá do céu, me guia junto a Deus todos os dias.

RESUMO

Esta minha monografia traz um resgate da minha vida de educanda e educadora até minha chegada ao Curso Normal Superior do Pró-Saber, relatando os desafios e enfrentamentos que fui vivenciando durante esses três anos e como lidei com eles. Traz o mergulho nos instrumentos metodológicos (observação, registro, avaliação e planejamento) e a reflexão do quanto me fizeram crescer ainda mais como ser humano, entendendo que o processo de aprendizagem é doloroso, mas que não devemos desistir e sim ir em busca do que verdadeiramente queremos. Madalena Freire nos ajuda a desenvolver esse olhar sensível do educador observador. Por fim, apresenta uma aproximação entre a formação e as mudanças que levei para minha prática, sobretudo ao reconhecer a importância do brincar na educação infantil.

Palavras-Chave: Memórias de vida. Enfrentamentos da Formação no Pró-Saber. Instrumentos metodológicos. Brincar na educação infantil.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	09
1 A MINHA HISTÓRIA DE ENCONTRO COM O NOVO.	11
2 O SONHO SENDO VIVIDO.	20
2.1 O primeiro ano do curso	20
2.2 O segundo ano do curso	26
2.3 O terceiro ano do curso	29
3 UM NOVO OLHAR PARA O BRINCAR.	31
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	37
REFERÊNCIAS	39

INTRODUÇÃO

Como um caminho, muitas descobertas e conhecimentos que levarei para o resto de minha vida, esse projeto monográfico conta minha história, o que vivi nos três anos de formação no Curso Normal Superior do Pró-Saber e um pouco das mudanças que este curso causou em minha vida.

Desde meu primeiro desejo em ser educadora, surgido quando cuidava dos meus irmãos e sobrinhos, passando pela tentativa de cursar enfermagem, minhas primeiras oportunidades de estágios na creche, até assumir uma turma, os desafios da formação e as mudanças que levei para minha prática. O trabalho está dividido em três capítulos.

No primeiro capítulo, conto um pouco sobre minha vida de educanda, as minhas memórias pedagógicas, positivas e negativas que marcaram meu caminho. Passo pelas experimentações de uma menina sonhadora, que acaba voltando para trabalhar na sua primeira instituição de ensino, a Creche/Instituto Santa Ignez, onde me aproximo pela primeira vez do mundo da educação. Essa creche tem um espaço imenso em meu coração, pois lá construí muita história. eu estudei na Creche Santa Ignez e quando retornei para trabalhar fui muito bem acolhida por todos, fui direto aturar com uma professora incrível, que já vivia e compartilhava com seus próximos um pouco dessa concepção democrática, dando voz e vez para as crianças. Com seu apoio e dedicação, fui demonstrando mais e mais que aquilo era o que eu queria de fato, seu incentivo me inspirou e eu cresci dentro da instituição. De estagiária, virei auxiliar de turma e hoje sou professora, há quatro anos na educação e há três anos que sou mais segura no que faço, graças ao grupo de professores do Pró-Saber.

E foi através da Santa Ignez que vim conhecer o Pró-Saber. Sempre tive vontade de fazer uma faculdade e ao mesmo tempo tinha medo/nervoso de cursar, pois não sabia o que encontraria e tinha certeza de que era muito difícil. Meu desejo era tão grande que, quando conheci o Pró-Saber, fui de corpo e alma, lá encontrei muitas coisas, principalmente a minha vontade e certeza de que a educação muda o mundo e somos e vamos sair, mas que dentro de nós sempre terá esse lugar incrível. Ao chegar, posso dizer que espanto foi a palavra que me representou ao dar de cara com a concepção democrática de

ensino, uma concepção totalmente diferente do que eu jamais conheci, a qual eu nunca tinha escutado falar, até porque, desde a infância, só passei por espaços pedagógicos totalmente autoritários, que não faziam com que eu pensasse, só decorasse o que era transmitido.

Faço uma viagem por essa formação tão diferenciada, onde o que vivi, minhas lembranças de vida, são valorizadas. E é falando sobre minhas experiências e enfrentamentos, escavando a fundo, que construí minhas memórias de educanda e educadora, que hoje compartilho nesta monografia.

No segundo capítulo, falo um pouco de como se deu esse meu desenvolvimento nos anos de formação no Pró-Saber, trazendo algumas disciplinas que me marcaram, que me fizeram ir além e me ensinaram a pensar a minha prática a partir dos ensinamentos construídos, fazendo com que as crianças possam viver a vida escolar, aprender e se desenvolver de forma prazerosa e significativa. Aprendi, através do estudo dos instrumentos metodológicos, propostos por Madalena Freire a, dentre outras coisas, ter um olhar mais observador para minha prática, podendo assim ser feliz fazendo com muito amor o que eu amo.

Para fechar com chave de ouro, meu terceiro capítulo traz um conteúdo estudado no curso que me fez virar do avesso e ir ao encontro de minha criança interna em busca de sentido. A disciplina O Brincar e sua Importância na Educação Infantil, lecionado pela professora Cristina Porto, deu luz a minha vida, me fazendo enxergar o brincar e a brincadeira com outros olhos, olhos de quem se importa e dá valor ao que as crianças trazem e demonstram todos os dias. Esses olhos são agora de quem aprendeu a enxergar o brincar como fundamental para o desenvolvimento das crianças.

Espero inspirar e instigar muitas pessoas a buscarem esse encontro consigo mesmo e com o outro, em busca de uma melhora interna que reverbera e dá mais sentido a tudo que vivo todos os dias.

1 A MINHA HISTÓRIA E O ENCONTRO COM O NOVO

Ah, a educação infantil! Como algum dia imaginaria que seria professora? Também não sei. Desde pequena já tinha essa responsabilidade; por ser a neta e sobrinha mais velha, sempre cuidava dos meus primos e por muitas vezes deixava transparecer minha vontade de ser educadora.

Penso que o estudo das histórias de vida é ferramenta para entender a construção da minha identidade profissional, reflexão que encontra fundamento em Nóvoa, que, em entrevista à Ferrari (2008), na Revista Nova Escola nos explica que "a identidade não é um dado adquirido, não é uma propriedade, não é um produto [...] Ela é um lugar de lutas e conflitos, um espaço de construção de maneiras de ser e estar na profissão." E ainda que: "a vida do profissional é, antes de qualquer coisa, a vida da pessoa que trabalha como professor. Todo conhecimento é autoconhecimento e toda formação é autoformação", diz ele. Por isso, pensar o meu caminho de formação, até a minha prática como educadora inclui mergulhar em minhas memórias pedagógicas, e refletir criticamente sobre elas.

Refletindo sobre meu papel de educadora, começo a lembrar de meus professores da infância e de forma negativa, lembro da professora Zuleida. Ela nos dava aula no quinto ano, antiga quarta série, era minha professora de matemática. Uma vez em uma aula, ela solicitou que eu fosse à frente da sala, perto de sua mesa, quando estava explicando a matéria. Fui até lá e quando cheguei, ela pediu que eu desse uma volta, depois que desse meia volta, e quando me embolei, não conseguindo executar os comandos, ela fez o que eu não esperava: me usou como exemplo para meus colegas de turma, dizendo que eu não consegui fazer, porque não prestava atenção nas aulas. Todos riram de mim e foi muito constrangedor. A verdade era que eu prestava atenção sim e sempre tentava, mas como tinha medo de perguntar o que não entendia, ficava sem entender.

Cursei o ensino fundamental, cheguei ao ensino médio e chegou o momento de ter que definir o que eu faria da vida. Entrei em um curso técnico de enfermagem, pois gostaria de me formar em instrumentação cirúrgica. Uau, que mundo fascinante e uma ótima hora para descobrir o que de fato queria.

Na primeira aula, o professor pediu para que tirássemos uma foto de todos, porque até o final do percurso, não teria mais aquele pessoal todo, querendo nos dizer que muitos desistem no caminho. E foi isso que aconteceu principalmente comigo, pois me vi num ambiente que naquele momento não fazia parte de mim, embora eu gostasse muito.

Tranquei o curso e fui em busca dos meus objetivos. Onde morava, umas meninas, que faziam o ensino médio comigo, estagiavam na Fundação Casa Santa Ignez, uma instituição de educação infantil, onde estudei dos 2 aos 11 anos. Elas faziam por hobby, e, em uma conversa, me perguntaram se eu não me interessava, pois tinha vaga e era muito legal. De cara, topei e no dia seguinte fui lá saber mais, fui recebida pela Irmã Viviane, a diretora da instituição. Pessoa maravilhosa que de longe emana amor pela profissão e pelo espaço de educação em que trabalha. E foi aí que, em 2016, consegui minha primeira oportunidade e meu primeiro emprego de carteira assinada, será que daria certo?

A Fundação Casa Santa Ignez conta com uma equipe que pensa e se importa com seus funcionários, visando o bem estar e a formação. Lá tive a oportunidade de participar de palestras, encontro dos profissionais, cursos pagos e assim fui agarrando as oportunidades e mostrando que de fato estava preparada para o desafio de trabalhar com educação.

Entretanto, as coisas não saíram como o esperado. Estudar e trabalhar, por mais que fosse em meio período, não era tarefa fácil, ainda mais para uma adolescente, que não tinha tantas responsabilidades. Comecei a faltar e desonrar com meu compromisso. Infelizmente, fui mandada embora e fiquei muito triste, porque minha história naquele lugar era muito antiga e significativa.

Costumo dizer que sou a Fundação, pois passei toda minha infância lá, entrei com dois anos e saí com onze. Desta fase só tenho algumas memórias, como a das professoras, a Cris e a Dayse. Cris foi uma pessoa muito importante e me recordo o quanto todas as crianças, que passavam por ela ou não, a amavam demais. Era lindo seu jeito de trabalhar, parecia que tinha se formado no Pró-Saber, pois era muito atenciosa e sempre focava no nosso bem estar, visando nossas necessidades. Já a professora Dayse era muito tradicional, e o que me recordo é que passávamos o dia inteiro sentados na sala. Quando ela precisava sair, ficávamos de espreita na porta, com medo,

pois se ela voltasse e estivéssemos em pé, ficávamos de castigo. Sim, de castigo por estarmos de pé! Que palavra pesada!

Hoje, vivendo esse processo de escavação das minhas memórias, vejo o quanto entrar em contato com nossa história de vida é importante. Depois de conhecer a metodologia de Madalena Freire, entendo a importância de cada educador resgatar sua história pedagógica, pois assim podemos refletir criticamente sobre ela e ressignificá-la:

Resgatar, salvar do esquecimento alienado, as lembranças de nossa história pedagógica com nossos modelos, é entrar em diálogo crítico com nosso passado, podendo assim, ajudar-nos, também, a entendê-lo, superá-lo, esquecer-lo, como ato consciente de quem perdoa. Muito diferente do estado de amnésia que se encontrava anteriormente. (FREIRE, M., 2009, p. 42).

Retornei para Fundação Santa Iñez em 2018 e foi onde tudo realmente começou... Eu era estagiária, e meu horário era o da tarde trabalhando com a professora Ágata, uma pessoa alegre, comprometida com seus alunos e que transborda amor em cada conquista das crianças. A cada dia ao seu lado, eu percebia mais latente em mim a vontade de atuar na profissão e foi aí que tudo começou de fato a se encaminhar.

Em agosto de 2018, fui presenteada com uma promoção, sendo convidada para ser auxiliar de turma, o que aceitei com muita alegria. E a cada dia via que meus esforços estavam valendo a pena. Me dediquei mais ainda e trabalhei com outra profissional incrível, além da Ágata, a professora Maria do Carmo, com quem ficava no turno da manhã. Foi muito prazeroso dividir experiências, apesar de estar mais aprendendo do que ofertando. Ofertava sim, meu amor para aqueles seres de luz que até hoje lembram de mim com muito carinho, e com os quais mantenho contato.

Ágata me incentivava a buscar um curso de formação de professores, me incentivava a me especializar, pois ela dizia: “Alice, faz um curso de formação de professor, se especializa, porque o amor você já tem.” Eu vivia um momento de grande confusão, pois estava me formando e naquela época não conseguia ver claramente o que queria para o meu futuro, apesar de sempre ter a pedagogia como uma caminho possível, especialmente por já ter vivido essa experiência na prática. De acordo com Ferrari (2008), o educador português Antonio Nóvoa:

[...] acredita que o melhor lugar para os professores construírem suas histórias é o próprio local de trabalho. "É no espaço concreto de cada escola, em torno de problemas reais, que se desenvolve a verdadeira formação"[...] "Universidades e especialistas externos são importantes no plano teórico e metodológico. Mas todo esse conhecimento só terá eficácia se o professor conseguir inseri-lo em sua dinâmica pessoal e articulá-lo com seu processo de desenvolvimento profissional." (FERRARI, 2008).

Foi então que fui apresentada ao Pró-Saber pela minha diretora e pelas minhas colegas, Cleide e Laira, que contaram que uma moça que trabalha na PUC as abordou, querendo saber se elas já tinham alguma formação superior. Quando me formei no ensino médio, em 2018, não fazia ideia de onde ia cursar o ensino superior, apenas que faria um curso de formação de professor para conseguir o tão desejado cargo de professora.

O Pró-Saber é uma faculdade particular gratuita que trabalha de forma democrática com o intuito de transformar a educação, que hoje acredito e luto todos os dias, buscando formar crianças e, conseqüentemente, adultos pensantes. O pré-requisito para estar no curso de formação de professores do Pró-Saber é estar trabalhando na educação infantil, pois este curso alia teoria e prática.

Esta característica foi um grande alívio para mim, pois desde que estava na escola, sempre pensava que precisaria fazer estágio para concluir meu curso, mas estando no Pró-Saber isso não seria necessário, pois como para estudar no Pró-Saber, o estágio é nossa própria prática e isso facilitou a minha vida. Eu não imaginava como seria ter que estudar, trabalhar e ainda estagiar em outro espaço. Eu queria fazer pedagogia na PUC, mas para isso, precisaria escolher entre o trabalho e o estudo, foi aí que, graças a Deus encontrei o Pró-Saber.

E tudo começou. Sempre fui uma pessoa que não queria saber o que ia acontecer, eu só tentava. E com a faculdade não foi diferente, fui eu e minhas colegas da creche fazer a inscrição para o vestibular. Lá no trabalho pude perceber a empolgação de todas, inclusive a minha, ao nos perguntarmos: será que vai dar certo?

Fomos com a cara e a coragem e, no dia 18 de maio de 2019, fizemos a prova, tudo tranquilo até o momento e com muitas borboletas no estômago realizamos o vestibular. Muita alegria conseguir passar da primeira fase, e em

seguida ser aprovada na segunda. Não podia acreditar. Eu, e também minhas colegas de trabalho, Cleide, Laira e Gizelha seguimos.

E lá estávamos nós de corpo inteiro, para, no dia 5 de Agosto de 2019, começar uma nova etapa da vida, iniciando o Curso Normal Superior de Formação de Professores do Pró-Saber. E foi trilhando este caminho que cheguei até aqui, na construção deste trabalho monográfico, fruto de muita construção de conhecimento e que me levará para um futuro esplêndido.

Como falei, não sabia o que me esperava e mergulhei de cabeça. Que curso é esse? Quantas novidades, quantos desafios. Uma nova concepção de educação, um curso baseado na metodologia de Madalena Freire que se fundamenta na na concepção democrática de educação.

Nesta concepção de educação, o processo de conhecer não tem nada a ver com transferência de conhecimentos. No seu ensinar o educador transmite informações e, ao mesmo tempo, transmite-se na sua paixão, na sua criação. Seu desafio está na escuta, na observação, nas intervenções provocativas para que o grupo assuma o seu pensar nas suas divergências e concordâncias, entre iguais. Pois para conhecer, temos que adentrar o terreno do conflito e do confronto, ou seja, há sempre um desafio, um problema a ser superado, iluminado pelo conhecimento. (FREIRE, M., 2014).

Que curso é esse? Essa pergunta começou a ser respondida logo no primeiro contato, que já foi cheio de emoção, anunciando o que estava por vir. Fomos recebidas num espaço e por profissionais totalmente acolhedores, que nos mostram o nosso valor a todo momento. Assim os dias foram passando e eu só me apaixonando e vivendo com mais vontade. Mas, como tudo na vida, as dificuldades começaram a acontecer, e elas, neste caso, vieram em forma de sínteses, o registro reflexivo que tínhamos que fazer de cada aula. Este desafio, sem dúvida foi o que mais me afetou durante todos os três anos de formação, e veio inclusive a dar o título para este trabalho monográfico.

A síntese, ou registro reflexivo, nesta concepção de educação, é uma de nossas armas de luta, um instrumento que nos auxilia e faz com que o professor reflita para sua construção seguinte, no caso a próxima aula. Ela tem como objetivo nos fazer pensar, nos ajudando a realizar se de fato nos fizemos presentes na aula. É um instrumento metodológico que nos dá confiança.

O registro reflexivo (síntese da aula ou reflexão temática) obriga a focar, priorizar no estudo, numa ação permanente de análises comparativas, a interpretar e fundamentar o próprio pensamento. É nesse sentido que o registro reflexivo apura o próprio pensamento, gestando assim uma tomada de consciência e, portanto, um rompimento da alienação cotidiana. (FREIRE, M., 2014).

Mas este exercício de registrar, refletir sobre a prática para tomar consciência do que foi vivido, não é fácil, e nos obriga a nos expor, o que para mim foi uma tarefa muito difícil de enfrentar. Era como se fosse um monstro que eu não conseguia de forma alguma encarar. Apesar de ter consciência de que, como Madalena Freire nos ensina, precisamos enfrentar nossos limites no caminho da construção do conhecimento, eu não cumpri com este desafio, fiz poucas sínteses e percebi o quanto essa falha me fez falta. Hoje percebo o quanto esse registro enriquece nossos saberes, porque, quando registramos e refletimos, estudamos sobre a aula, e logo, sobre os conteúdos propostos. Na concepção democrática de educação:

O educador estando em qualquer função na escola (professor, coordenador, diretor) é um profissional do conhecimento, um estudioso, um intelectual – seu compromisso está em promover que seus alunos entrem em contato com seu próprio processo de conhecimento. Para isso, a disciplina intelectual é a ferramenta básica. (FREIRE, M., 2014).

Como o enfrentamento dói. Como organizar o tempo dói. Como tudo o que está sendo vivido até hoje dói. Mas apesar de doer muito, me fez crescer, pensar e refletir sobre tudo na minha vida e, principalmente, sobre a minha prática. Costumo dizer que o Pró-Saber, e esta concepção de educação, mudou minha vida.

Outro choque de realidade que veio com o Pró-Saber, e com esta concepção de educação, foi entender que precisava me descobrir como pessoa para depois transbordar para a sala de aula, o que não demorou muito tempo. Sou autora e coautora de minha história e tudo que faço tenho propriedade e falo sem medo do julgamento das pessoas. E tudo bem se não gostarem, essa nova pessoa sou eu.

O professor é a pessoa. E uma parte importante da pessoa é o professor [...]. Urge por isso (re)encontrar espaços de interação entre as dimensões pessoais e profissionais, permitindo aos professores apropriar-se dos seus processos de formação e dar-lhes um sentido no quadro das suas histórias de vida (NÓVOA, 1992).

Eu sempre amei o que faço, mas depois do curso, vi o real sentido de estar ali, ainda mais pela metodologia, que envolve prática com teoria e professores magníficos e humanos, que mudaram minha vida. Mas por que precisamos estar inseridos na prática para cursar no Pró-Saber? A cada aula, pensava em minha vivência em sala de aula, e às vezes parecia que a aula daquele dia tinha sido preparada em cima do que vivi no decorrer do dia. Quando entendi o real sentido disso, me senti realizada.

Apesar de encontrar sentido para a minha prática a cada aula vivida no Pró-Saber, o fato de estar trabalhando com uma turma de primeiro ano do EF e estudando sobre educação infantil, me deixava angustiada. Até que tive a oportunidade de assumir uma turma de maternal, na qual estou até hoje. Que encanto, que experiência fora do comum! Uma coisa é apenas uma criança de dois anos, outra, são vinte e quatro da mesma idade, que dependem de mim e esperam algo de mim todos os dias, o desafio é imenso.

Nos iludimos muito com as coisas da vida e a pedagogia, que para muitos é um curso e uma profissão vista como “fácil”. Para mim não foi nada disso, fiquei impactada com tanta demanda. Como não acompanhava de perto os planejamentos, não fazia ideia do que realmente era o trabalho na educação infantil. Planejamos, registramos as presenças, fazemos relatórios individuais e da turma, dentre muitas outras coisas.

Além da formação como aluna, o Pró-Saber também está presente na minha formação, atuando diretamente na creche onde trabalho, pois a mesma é acompanhada pelas professoras Clara e Patrícia, que fazem um trabalho de supervisão e formação pedagógica da equipe da Creche e Oficina Santa Ignez.

O desafio de assumir a turma do maternal foi possível, pois, além da formação no Pró-Saber, tive a orientação de duas pessoas que foram pilares muito importantes nessa construção - Patrícia e Ágata, que hoje não é mais professora, mas sim coordenadora pedagógica da creche. Digo sempre que sou muito privilegiada, porque sempre posso saber onde estou errando e onde estou acertando, sabendo levar como algo que me fará crescer.

No início tive muita resistência a este trabalho de supervisão, pois ter duas professoras me acompanhando no dia-a-dia me fazia pensar que estava sendo vigiada. Mas, consegui desconstruir essa ideia, e hoje vejo o quanto este trabalho é produtivo e me fez crescer muito na minha prática. No Instituto Santa

Ignez, o movimento de construção em conjunto é natural, e a supervisão do Pró-Saber só veio agregar a este movimento. As professoras e toda a equipe de coordenação estão envolvidos diretamente com a nossa prática. Em alguns espaços de educação existe o abandono do professor e o Pró-Saber tem esse trabalho de valorização, convocando a equipe da coordenação e diretoria a estar inserida em todos os espaços e momentos da creche. Tive e estou tendo muito êxito nessa caminhada e a cada dia que passa eu confirmo o quanto é isso que quero para minha vida, ser professora de educação infantil.

Gostaria que todas as pessoas que trabalham com educação tivessem a oportunidade de viver as mudanças e reflexões que o Pró-Saber nos provoca. Meus objetivos hoje vão muito além do que imaginava antes e eu sou muito grata por tudo isso. A metodologia e proposta do Pró-Saber são sempre alcançadas, pois tem profissionais que estão ali qualificados para isso, fazendo, com amor e dedicação, o seu trabalho. Ser aluna dessa instituição é de dar orgulho e eu amo falar que sou uma semente do Pró-Saber, construindo meu caminho e transformando vidas.

O maior medo de todos, quando iniciamos um ensino superior, sem dúvidas, é a monografia. Eu já estava apavorada, porque, antes mesmo de entrar, já sabia que a pior parte, a mais difícil do instituto, seria a conclusão do curso. Mas nada me fez desistir, afinal as dificuldades foram feitas para nos fazer crescer e cada um encara de um jeito. E saber que a proposta para a monografia seria escrever sobre a nossa história pedagógica, me deixou muito aliviada e feliz, pois amo escrever sobre minha pessoa. Mas também fiquei triste, porque tive que encarar a falta que as sínteses fariam, elas seriam o maior apoio nesta construção e, infelizmente, não consegui dar o meu melhor nesse sentido.

Cara e coragem novamente para enfrentar o que viria. Tenho muito para dizer e acredito que, mesmo sem alguns registros, teria uma boa base para escrever. Muito mais significativo do que escolher um tema para defender, é defender minha própria história, com falhas, acertos, incertezas e muito amor, que acima de tudo, sempre prevaleceu. Eu, quando paro e penso, posso refletir e reviver tudo que aprendemos até aqui. O resgate de nossa memória é um passo essencial para que possamos tomar consciência das marcas que foram deixadas ao longo de nossa vida, e me fizeram crescer como pessoa.

Considero muito enriquecedor, quando falamos do que temos propriedade e nada melhor do que reviver nossas experiências.

Eu achava que era só chegar no curso, adquirir os conhecimentos e me formar. Mas eu estava enganada e mal sabia o que realmente viria pela frente, quando me vi sentada na cadeira do Pró-Saber, chorando por lembrar minha história de vida. Apesar de nem tudo ser dito de forma explícita, tudo era sentido em tempo real.

2 O SONHO SENDO VIVIDO.

Sempre sonhei em fazer um curso superior, só não tinha noção das demandas que iriam surgir. O primeiro ano do curso, o início de tudo, o que será que estava por vir?

2.1 O primeiro ano no Pró-Saber.

No Pró-Saber, o primeiro ano de estudo é fundamentado num mergulho em si e em suas memórias de educando. A princípio, eu achava que seria uma baboseira, e via o quanto o grupo estranhava, quando falávamos sobre nossa história, pois num grupo desconhecido, se abrir era a última coisa que queríamos, afinal, não nos conhecíamos ainda. Mas é parte da metodologia do curso, um caminho para a construção de nossa autoria: “Falar sobre sua prática pedagógica ou teórica, escrever e ler para o grupo suas reflexões sedimentam o processo que vai do falante ao escritor e do escrito ao autor”. (GENESCA ; CID, 2013).

O resgate de nossas memórias nos fez ir ao encontro desse ser que há muito não se enxergava, com alguém que tinha uma história a ser contada, com alguém que não tinha voz nem vez, que vinha de uma concepção de educação autoritária, onde só o professor sabia e só nos cabia estar de acordo ou fazer igual, quem ousava pensar com a própria cabeça, indo de encontro ao professor, era taxada como burra.

Nunca imaginei uma concepção de educação diferente de um monólogo, em que só o professor tem voz, onde ele é o detentor do saber e onde, só quem entendia se dava bem. Quando me deparei com essa concepção de ensino democrática, me assustei, pois não sabia o que falaria ou faria para dialogar com a aula, com o conhecimento, com o grupo, pois sempre fui muito calada, o que era o esperado de mim, e em sala de aula, entrava muda e saía muda. Eu sempre senti um vazio grande e uma aflição imensa porque nunca conseguia entender nada, não era considerada um ser pensante, por mais que fosse. “Todo ser humano possui a capacidade de aprender, mudar, transformar, criar, fazer história, contar história, e é o pensar que alicerça todos esse processo de mutação.” (GENESCA; CID, 2013).

Esse primeiro processo foi de muito enfrentamento, porque tivemos que entrar em contato com os instrumentos metodológicos, vieram as observações em sala e nossas sínteses, que depois entendi ser nossa arma de luta. Entendi que o nosso olhar é muito importante, mas ao mesmo tempo, tinha receio de expor o que de fato sentia, por medo do que achavam, até entender que essa era a proposta, todos numa só construção pelo melhor.

Esse primeiro ano foi mágico, muito choro, muitas memórias compartilhadas e muita ansiedade pelo que viria. Minha experiência foi incrível, já que tudo caminhava como esperado, conseguindo dar conta e vivendo um momento que jamais pensei que viveria. Eu já tinha um orgulho imenso de dizer pro mundo que estava estudando no Pró-Saber e que lá tudo mudaria, pois eu estava começando a reconhecer minha capacidade.

Tudo estava realmente mudando até que em novembro de 2019, eu engravidei, e o que seria de mim, será que eu daria conta? Tudo passava pela minha mente, menos a vontade de desistir. O lindo semestre acabou e o ano seguinte já chegaria. A saudade daquele lugar batia forte, mas como o tempo passa muito ligeiro, logo estaríamos voltando.

Em março de 2020, retornamos ao Pró-Saber, todos ficaram sabendo da benção que tinha acontecido em minha vida e juntos celebramos o anjo que chegaria. Primeira semana, tudo bem e na segunda, o susto. Estávamos na aula da professora Melissa Lamego, na disciplina Oficina de Leitura e Escrita onde estávamos desenvolvendo, no pátio, uma atividade em que cada um recebia uma palavra e tinha que dar um sentido para ela. A minha palavra era emoção. Enquanto escrevíamos, a professora solicitou nossa volta à sala, para onde imediatamente nos direcionamos. Quando chegamos à sala, com as tarefas incompletas, a professora e coordenadora Clara Araújo estava lá nos esperando e o seu semblante não era nada bom naquele momento. Ela queria nos dar uma notícia que jamais imaginaríamos e que nos abalaria muito.

Ela tinha vindo nos informar que por conta de um vírus perigoso que havia chegado ao Brasil, teríamos que nos afastar por quinze dias. Que baque que tomei. Sem entender muita coisa, apenas concordei e fiquei muito aflita, pois o que faríamos de longe? Como teríamos aula? Quando cheguei em casa, a internet, jornais, rádios e tv só falavam do mesmo assunto, a Covid-19 se aproximava e já estava matando muitas pessoas, no mundo e em nosso país.

Nesta mesma semana, ainda sem saber ao certo o que estava por vir, me vi grávida, desesperada, longe do emprego, da faculdade, e dos entes queridos, que confuso. A correria das pessoas indo aos mercados, comprando alimento para sobreviver, caso tudo fosse fechado, assustava a todos.

Na faculdade professores aflitos, sem saber quando voltaríamos e se voltaríamos. Semana vai, semana vem, e no dia 30 de março de 2020, tivemos a notícia de que teríamos aula pelo aplicativo do *WhatsApp*, a princípio o único meio possível para atender a todos os alunos. Fiquei muito animada de início, mas com o passar do dias, fui desanimando, pois era muito ruim estar em casa, quando o que fazia sentido para nós era o calor humano. Mas aquele momento era necessário e teríamos que nos adaptar.

Nas aulas pelo *WhatsApp*, as trocas aconteceram e foram muito ricas, mas sinto que muita coisa ficou deixada de lado pelas limitações da ferramenta, e o tempo de aula precisou ser diminuído. Senti muita falta da aula presencial, pois compreendo melhor pela fala, pelo diálogo, e assim muita coisa me escapou, mesmo relendo a aula quando senti necessidade.

E assim foram nossos primeiros dois semestres de aula - distantes, cheios de incertezas, apreensão e medo. Quase chegando ao fim deles, ficamos sabendo que alguma mudança aconteceria, e era a chegada do *Google Meet*, aplicativo que nos permite ter aula ao vivo, por transmissão de vídeo, e que, de certa forma nos aproximou um pouco mais. Antes do final do ano de 2020, tivemos então uma aula experimental com a professora Melissa Lamego, na disciplina Alfabetização Cultural, e foi um momento mágico, todos ali se vendo e compartilhando sorrisos, ao vivo e a cores. A turma se animou muito e, com certeza, deixou um gostinho de quero mais para o ano de 2021.

Em meio a tudo isso que estava acontecendo, me perguntava sempre se seria possível nos constituirmos como grupo tendo aulas à distância. A metodologia do Pró-Saber, fundamentada pela teoria de Madalena Freire, professora e diretora do curso, nos ensina que: “Na concepção de educação democrática, o processo educativo está sempre no grupo, pois ninguém conhece, aprende, reflete sozinho.” (FREIRE, M., 2008, p. 56).

Seria possível, nesse momento, deixarmos de ser “amontoado de indivíduos” (FREIRE, M., 2008, p. 97), e passarmos para a construção de um grupo; será que esse processo tem condições de se dar a distância?

A palavra grupo nunca tinha me chamado atenção, eu não entendia a força que tinha. Em todas as escolas que estudei a palavra grupo só era dita, quando tínhamos algum trabalho para fazer e que era exigido um determinado número de pessoas juntas. Depois que entrei no Pró-Saber percebi que isso ia muito além de pessoas juntas, do amontoado de indivíduos.

Segundo Pichon-Rivière, pode-se falar em grupo quando um conjunto de pessoas movidas por necessidades semelhantes se reúne em torno de uma tarefa específica. No cumprimento de desenvolvimento das tarefas deixam de ser um amontoado de indivíduos para cada um assumir-se como participante de um grupo com objetivo mútuo. Isto significa, também, que cada participante exercitou sua fala, sua opinião, seu silêncio, defendendo seus pontos de vista. Portanto, descobrindo que, mesmo tendo um objetivo mútuo, cada participante é diferente. Tem sua identidade. (FREIRE, M., 2008, p. 97)

Esse movimento de estar em grupo, de pensar junto a todo momento me fez começar a crescer como pessoa, como sujeito pensante e não ter medo, principalmente o medo de me expor.

“MEDO
Medo de se envolver, de arriscar-se, de falar, de ousar, de se mostrar?
Medo de se comprometer, de não mais poder recuar, saltar, voltar atrás?
Medo de se mostrar no que cada um é, no seu limite, nas suas faltas, na sua ignorância?
- Medo?
- Medo
Medo, que o corpo fala: [...] Não fomos educados para enfrentarmos o medo desta construção e sim para a passividade silenciosa, omissa do não se expor, para bem educadamente reproduzir o conhecimento.
Enfrentar o medo de se expor, de assumir-se, rompendo nossa couraça autoritária, é o anúncio de uma nova relação numa concepção democrática de educação, em que cada um aposta e depende do outro e de si, para a construção de sua autoria, do conhecimento e de sua história. (FREIRE, M., 2008, p. 62).

O medo de me expor estava ligado à concepção autoritária de ensino que eu vivi, onde eu não pensava, logo não sabia de nada e o que será que eu acrescentaria nesse curso?

Junto do primeiro ano, vieram as respostas, eu sou um ser humano que pensa, único e capaz de tudo que eu desejar, e para me aceitar assim, a primeira coisa que precisei entrar em contato foi com a aceitação de mim, do meu nome. Eu sempre odiei meu sobrenome, Eugenia, pois todos em toda

minha vida me zoaram por conta dele. Quando cheguei no Pró-Saber, tive um impacto, pois no meu crachá estava escrito Alice Eugenia, ele estava acompanhando meu nome, pois pensaram que era nome composto. Que vergonha, que vontade de sumir, pensei na hora que as pessoas iam zombar de mim e foi aí que eu descobri que estava totalmente enganada.

Eu aprendi a me reconhecer como pessoa e ao mesmo tempo valorizar minha identidade e cultura. Isso aprendi com a disciplina Instrumentos Metodológicos, com as professoras Clara Araújo, Madalena Freire e Priscila Almeida, que reforçaram sempre em suas aulas, o quanto somos importantes e é assim que devemos nos reconhecer. E esta reflexão me levou a refletir sobre a frase “Professora sim, tia não”, um conteúdo que, de primeira, me causou muitas dúvidas, nunca havia pensado nisso e quando comecei a entender, meus pensamentos mudaram.

Aprendi que o rótulo “tia”, usado para as professoras, desvaloriza todo percurso que estou traçando, afinal não estou me formando para ser chamada de tia, por mais carinhoso que possa ser. Me senti muito realizada, quando levei esse conteúdo para a minha prática, encarei ao mesmo tempo um sentimento de satisfação e de desconstrução, o qual causou estranhamento nas minhas parceiras de trabalho, que sempre me questionavam o porquê de tudo isso. Não foi tarefa fácil tentar desconstruir isso nelas, mas já foi uma grande vitória ter conseguido fazer isso comigo, mudar esse pensamento em mim, sou professora e preciso me reconhecer como professora. Vejo muita resistência nas pessoas quanto a isso, mas, atualmente, meus alunos me chamam de Alice.

Caminhando nesse enfrentamento, nessa desconstrução, cito a matéria Oficina de Leitura e Escrita, disciplina que me acompanharia nesses 3 anos de curso com as professoras Melissa Lamego e Liana Castro. Duas pessoas, mesma matéria, objetivos diferentes.

Liana sempre focou muito na leitura e foi aí que conheci e me aproximei de autores e ilustradores. Um que me marcou muito foi Daniel Munduruku, um escritor e professor, que mora no Brasil e é da etnia indígena Munduruku. Lúcia Moraes também me chamou muita atenção, porque, além de escritora, foi aluna do Pró-Saber, e tem muita sensibilidade quando fala sobre seu olhar para sua cultura e educação.

Melissa sempre explorou muito a nossa escrita. Além de professora da Oficina de Leitura e Escrita, ela era nossa professora da Alfabetização Cultural, outra disciplina presente nos três anos de curso. Quando falávamos de Alfabetização Cultural, eu não fazia ideia do que aprenderíamos. Resgatamos e aprendemos a valorizar nossas culturas. Lembro-me que começamos a explorar as diferentes culturas que tínhamos em sala de aula, ainda no primeiro ano, e em uma de nossas aulas de sábado, combinamos um piquenique que foi muito divertido e significativo, onde cada um levou um prato de comida referente ao estado em que havia nascido. Além disso, tivemos uma linda apresentação das colegas Laira e Jennifer, dançando carimbó, dança típica de seu Estado, que nos surpreendeu muito. Foi lindo demais aquelas saias maravilhosas girando e dando luz ao nosso sábado. Naquele momento percebemos que a cultura pode estar dentro de nós, que somos seres produtores de cultura.

Lembro também, quando Melissa anunciou nosso primeiro passeio cultural: iríamos para o Theatro Municipal. Eu já havia escutado falar, mas nunca imaginei que um dia iria, até por que o que faria lá?

O grande dia chegou e nós fomos para apreciar uma apresentação do Grupo Corpo fazendo uma homenagem a Gilberto Gil. Que apresentação linda, que lugar magnífico, que nos dá a sensação de estarmos dando um passo no passado, tipo num palácio real, onde viviam grandes reis. Cada segundo foi apaixonante e poder viver isso de perto com minha turma foi mágico. Visitamos um patrimônio histórico da nossa cidade, que parecia ser inacessível para a maioria, onde nunca achei que seria possível estar, pois pensava que era caro e que não teria jamais interesse em conhecer. Nosso Rio de Janeiro tem muita coisa para nos contar, que nem nos damos conta, pensamos que as coisas belas estão lá fora, quando, na verdade, estão aqui debaixo do nosso nariz. Nossa cultura é nossa força, devemos reconhecer e valorizar.

Fotografia 01



Autor : Thaís Ferreira

Essa fotografia expressa nossa felicidade nesse primeiro encontro no Theatro Municipal. Foi tudo muito maravilhoso, uma oportunidade única dada por Melissa Lamego junto do Pró-Saber, e que contribuiu demais para modificar meu olhar sobre a cultura.

Essa foi uma das disciplinas que mais me surpreendeu durante a pandemia, pois como faríamos para estudar Alfabetização Cultural à distância, sem visitar os espaços culturais e históricos? E a professora Melissa nos surpreendeu e conseguiu nos fazer viajar por nossos estados, principalmente o Rio de Janeiro, conhecendo os patrimônios que aqui temos, sem sair de nossas casas, e pela tela do computador.

2.2 O Segundo ano do curso

Nosso segundo ano de curso foi bem intenso e corrido, com a flexibilização do *lockdown*, retornei ao trabalho e agora com um bebê pequeno para cuidar, além do compromisso de estar diariamente, às 19h, por inteira, para a aula que ainda seria por vídeo junto com o grupo. Foi um desafio muito grande e doloroso, mas que graças a Deus e com a ajuda das minhas queridas professoras, Clara e Patrícia, me orientando na creche e nas aulas, tive forças para seguir meu caminho.

Apesar de já ter vivido um ano de curso, a adaptação à metodologia seguiu me desafiando, e fazer as sínteses das aulas seguiu sendo o maior deles. Apesar de entender e acreditar na importância das síntese, pois são o

estudo da aula, logo, muito necessárias, eu não sei o que dentro de mim acontecia, pois eu sabia exatamente o que fazer e o que escrever, mas ficava paralisada.

Esse enfrentamento árduo nos acompanhou desde o início, mas acredito que foi no segundo ano, que pude sentir e tomar consciência do quanto a minha escrita de fato era ouro, que sem o registro não somos nada, o registro é nossa arma de luta. Acredito que foi no segundo ano que realmente entendi a importância dos instrumentos metodológicos de Madalena Freire, os quais foram estudados diretamente no primeiro ano, mas que estão presentes em todas as disciplinas, mais do que isso que são o fundamento, a base da metodologia deste curso.

Das muitas disciplinas vividas no segundo ano, onde acontece uma maior aproximação com os teóricos da educação, lembro de quando a professora Priscila de Almeida, na disciplina de Prática Pedagógica II, propôs um trabalho de subgrupos em que o objetivo era fazer um planejamento para uma aula à distância, como estávamos vivendo naquele momento. Como ser professor na pandemia? Este era um desafio enorme e muito angustiante, uma vez que não recebíamos qualquer retorno das crianças. Não dava vontade de continuar, mas com sua força fomos em frente.

Priscila, no *WhatsApp*, nos dividiu em subgrupos e tivemos que criar um planejamento para uma turma fictícia, tínhamos que imaginar. Foi muito engraçado, mesmo tendo prática com planejamento, me enrolei um pouco, porque, na dinâmica da atividade, não podíamos mandar áudio e digitar era muito demorado, acabava que uma mensagem engolia a outra, e fazer os colegas do subgrupo entenderem os objetivos que eu queria propor, era difícil. Entretanto, foi incrível que, mesmo sendo um planejamento de “mentira”, falávamos como se fosse de fato acontecer. A questão que mais me pegou foi a avaliação desse planejamento, eu tentava explicar, mas ninguém me ouvia, até que, com a intervenção de Priscila, me dando voz, todas me observaram através da escrita e viram que eu estava certa no que dizia, registramos então a avaliação do conteúdo que foi abordado.

Essa aula me marcou, pois o planejamento para mim é um dos instrumentos metodológicos que mais mudaram em minha prática, através do estudo da teoria e refletindo sobre o meu dia a dia, vejo o quanto meu olhar

para o planejamento se modificou. Hoje sei que é preciso ter objetivos todos os dias, que é preciso ter um olhar observador, que enxerga além, e sabe que aquele instrumento é flexível, que pode ser modificado quando for preciso.

O planejamento precisa ser convidativo, partindo sempre do interesse de nossos alunos, por isso precisamos conhecer nosso grupo. Precisamos pensar nas atividades, nos espaços, nos materiais e ainda na forma que farei para que as crianças interajam com o que é proposto, observando sempre para refletir sobre o que é possível fazer caso as crianças não interajam com o que foi proposto, é preciso sempre ter um plano b.

Além de tudo que planejo para meus alunos, para o planejamento ser alcançado, preciso envolver minhas parceiras, as auxiliares, nas atividades propostas, pois nossos braços, mãos e pernas são elas. Antes eu queria resolver tudo sozinha e via que não dava conta, ficando frustrada, também não percebia o quanto as meninas se sentiam mal por não participarem, pois ficavam distantes e perdidas na rotina com as crianças. O planejamento é a base do nosso trabalho, sem ele ficamos perdidas e as crianças ociosas e irritadas. Uma construção não se dá sem o seu principal pilar.

No segundo ano, as aulas aconteceram por vídeo pelo *Google Meet* e com esta plataforma fui criando e deixando marcas pelo Pró-Saber de forma virtual, fui me aproximando mais e mais do grupo. Apesar desta aproximação, indo além das meninas que trabalham comigo, a conexão com o restante da turma não foi vivida em sua essência, porque, como não tínhamos a vivência física, da hora da chegada, do intervalo, não compartilhamos muito as coisas, apenas durante a aula. Digo que sou feliz por estar vivendo tudo isso, pois vi algumas pessoas ficando pelo caminho, o que por um lado nos causou tristeza, por outro nos fortaleceu, ao ver que ainda estávamos ali, seguindo juntos num mesmo propósito.

A distância é muito ruim e eu não via a hora disso tudo amenizar para voltarmos a viver tudo como realmente teria que ser vivido, juntos sem ninguém soltar a mão de ninguém. O *Google Meet* foi uma ferramenta muito importante para meu entendimento, pois as aulas por vídeo ajudavam a deixar tudo mais compreensível e os encontros mais dinâmicos.

Foram dois anos muito intensos, como já havia dito, já sabíamos de uma possibilidade de volta mas, encerramos o ano de 2021 ainda na incerteza de

como seriam as aulas em 2022. O mistério de volta ou não volta, presencial ou online nos acompanhava. Então, no início do ano de 2022, recebemos a bela notícia de que estaríamos por inteiro, presencialmente no Pró-Saber para concluir o lindo e último semestre que estava por vir.

E no dia 7 de março de 2022 retornamos para o Pró-Saber, e aqui estou eu, em mais um enfrentamento, tendo que escrever minha história para mostrá-la para o mundo inteiro. Que orgulho disso tudo fazer parte das minhas memórias, e de estar dando nascimento a um momento muito importante da minha vida!

2.3 O terceiro ano do curso

Escrita do anteprojeto, minha Nossa Senhora! Para que isso? Por que não deixar isso para o ano que vem, no último semestre do curso. Por que complicar minha mente agora? Mal sabia eu o bem que estavam fazendo por mim, e a importância desta construção. Seria um passo essencial dado em direção à construção da escrita da monografia, a qual fará com que eu cresça no meu processo.

Disciplina de Metodologia de Pesquisa: O que será que aprenderemos nessa disciplina com duas professoras, pessoas totalmente diferentes? Logo de início, relembramos que tudo começou, lá no início, com o estudo dos instrumentos metodológicos: registro, observação, avaliação e planejamento. A princípio, tive algumas dificuldades e achava que não daria conta, mas a disciplina me surpreendeu. Com o amor de Maria Delcina Feitosa e a firmeza de Cristina Porto, consegui me manter firme na batalha e dei passos muito importantes. Del foi muito objetiva no seu ensinar, nos direcionando, puxando e nos fazendo entender o que de fato queria, enquanto Cris focava em alargar esse mundo teórico, fundamentando e explicando a importância de escrever sobre nossa história pessoal e profissional, para que as pessoas conhecessem sobre nós e valorizassem a importância das histórias de vida.

Descobrimos a correspondência trocada entre Natercinha e Paulo Freire, publicada no livro “A casa e o mundo lá fora: cartas de Paulo Freire para Nathercinha”¹, de Nathercia Lacerda. O que mais me chamou atenção na

¹ LACERDA, Nathercia. A casa e o mundo lá fora: cartas de Paulo Freire para Nathercinha. Ilustrações de Bruna Assis Brasil. Rio de Janeiro: Zit, 2016.

história foi a valorização do ato de escrever, que sempre esteve presente e que, Madalena Freire, nossa coordenadora, e filha Paulo Freire, continua a defender.

Escrever, escrever e escrever. Para que tudo isso? “Que saco, quero dormir”, penso. Ah, minha amiga, se disso não quiseres viver, é melhor pular para fora do barco, pois, nesse processo, crescerás muito. E foi isso que aconteceu esse semestre. Via a todo tempo minha capacidade de escrita crescer, e as professoras de Metodologia de Pesquisa foram essenciais nessa construção.

Quem também me ajudou muito neste processo foi a professora Liana Castro, por fazer renascer em mim o desejo pela leitura, algo pelo qual eu sempre lutava, mas que era muito difícil de enfrentar e que, aos poucos, fui retomando. Agradeço também a ela, pelos convidados ilustres que trouxe a cada encontro, que contribuíram muito para nossa aprendizagem. Quero levar para minha sala de aula a valorização de cada um, como pessoa, através de suas culturas, o respeito ao próximo e o processo de vida de cada um.

3 UM NOVO OLHAR PARA O BRINCAR

Falarei neste capítulo sobre uma matéria que para mim é muito relevante e que eu nunca imaginei que estudaria: O Brincar e sua Importância na Educação Infantil. O Pró-Saber nos instiga a pensar e pensando novamente em minha infância, fomos aprender sobre o brincar, que para mim, na educação infantil, era só um detalhe. O estudo me fez olhar diferente e hoje eu sei de sua importância no desenvolvimento das crianças, entendendo que é por meio do brincar que elas aprendem e conhecem o mundo. De acordo com a BNCC (2018):

A interação durante o brincar caracteriza o cotidiano da infância, trazendo consigo muitas aprendizagens e potenciais para o desenvolvimento integral das crianças. Ao observar as interações e a brincadeira entre as crianças e delas com os adultos, é possível identificar, por exemplo, a expressão dos afetos, a mediação das frustrações, a resolução de conflitos e a regulação das emoções. (BRASIL, 2018).

O documento alerta ainda que:

Brincar cotidianamente de diversas formas, em diferentes espaços e tempos, com diferentes parceiros (crianças e adultos), ampliando e diversificando seu acesso a produções culturais, seus conhecimentos, sua imaginação, sua criatividade, suas experiências emocionais, corporais, sensoriais, expressivas, cognitivas, sociais e relacionais. (BRASIL, 2018).

Brincar? E nós já nascemos sabendo brincar ou nós aprendemos? Como se dá essa relação?

Na disciplina de Introdução à Psicopedagogia, aprendi que, segundo Piaget (2015), as crianças não nascem sabendo brincar. Na realidade, a inteligência é construída, e é interagindo com o mundo, que vamos aprendendo através das relações com as pessoas e com o objeto. Quando nascemos, estamos inseridos em uma sociedade e é nela que as relações se dão. Aprendemos ainda que Piaget diz que vamos construindo nossos esquemas, nossas ferramentas para compreender o mundo, através da assimilação e da acomodação. As coisas e objetos começam a fazer sentido, por exemplo, quando pela assimilação, vamos ao encontro de algum objeto que não conhecemos. Primeiro, entro em desequilíbrio, como se fosse em conflito comigo mesma, uma confusão, depois disso, assimilamos para o que aquilo

serve para, em seguida, acomodar. Quando tudo isso acontece, entramos em equilíbrio novamente e assim é a vida. O primeiro contato nos deixa confusos e por isso, com os pequeninos, devemos criar possibilidades para que entrem em contato com o novo para novas descobertas.

E foi isso que a professora Cristina Porto e os conteúdos da disciplina do Brincar fizeram comigo, me proporcionaram momentos de conflito, de desequilíbrio, me fazendo enxergar o brincar de outra forma, pois o que eu entendia por brincar era bem diferente do significado que agora eu construí. Compreendi que brincar não é uma coisa à toa à qual não devemos nos atentar. O momento do brincar precisa ser observado por nós educadores, pois na brincadeira as crianças dizem muitas coisas.

As crianças viajam na imaginação e naquele momento em que, para uma pessoa leiga, parece que nada está acontecendo, que estão “só brincando”, tudo está fazendo sentido. Segundo Borba (2009):

O brincar abre para a criança múltiplas janelas de interpretação, compreensão e ação sobre a realidade. Nele, as coisas podem ser outras, o mundo vai virar do avesso, de ponta-cabeça, permitindo a criança descolar-se da realidade imediata e transitar por outros tempos e lugares, inventar e realizar ações/interações com a ajuda de gestos, expressões e palavras, ser autora de suas histórias e ser outros, muitos outros: pai, mãe, cavaleiro, bruxo, fada, príncipe, sapo, cachorro, trem, condutor, guerreiro, super-herói... (BORBA, 2009, p. 66).

Busco em minha prática fazer esse “descolar-se da realidade” acontecer, porque tudo fica mais significativo, quando eles, livremente, dão seus significados ao brincar. A marca de cada um é muito importante, e quando brinco junto deles, e me permito mergulhar na imaginação, percebo as marcas que estou deixando, e vejo a importância desse momento. Aprendem a brincar com pai e mãe, mas, muitas vezes, a realidade não permite que esse momento de interação e aprendizagem em família aconteça. Puxando em minha memória, posso dizer que não tive o privilégio de brincar com minha mãe e hoje faço totalmente diferente com meu filho, busco estar presente nesses momentos de imaginação, observando suas evoluções e como ele brinca.

Com meus alunos não é diferente, observo e registro todos os passos, principalmente, suas preferências para quando for planejar, trazer algo que realmente faça sentido e chame sua atenção. Antes de conhecer o significado do brincar, algumas vezes em minha sala de aula, eu dava o brinquedo para as

crianças e ia fazer algo diferente, não tinha um olhar voltado para aquele momento e com o que aprendi nas aulas, com os conteúdos trabalhados na prática, fui mudando meu olhar.

As crianças têm cultura? Com certeza. Lembrem que falei que elas nascem inseridas numa sociedade? Pois então, já carregam consigo uma história, mesmo que estejam no seu início. Cada uma com seu jeitinho complementa o grupo e, relacionando com minha prática, pude mudar meu olhar para o que ali estava sendo proposto, o que significava aquela interação.

É preciso, efetivamente, romper com o mito da brincadeira natural. A criança está inserida, desde o seu nascimento, num contexto social e seus comportamentos estão impregnados por essa imersão inevitável. Não existe na criança uma brincadeira natural. A brincadeira é um processo de relações interindividuais, portanto de cultura. É preciso partir dos elementos que ela vai encontrar em seu ambiente imediato, em parte estruturado por seu meio, para se adaptar às suas capacidades. A brincadeira pressupõe aprendizagem social. Aprende-se a brincar. A brincadeira não é inata, pelo menos nas formas que ela adquire junto ao homem (BROUGÈRE, 1995, p. 97-98).

O brincar é uma das formas mais comuns na vida do ser humano, tornando-se fundamental para desenvolver suas relações sociais, interações de grupo e, dentro da minha função de educadora, posso ampliar o olhar para a "tal" brincadeira livre. Foi aqui no Pró-Saber, que entendi que brincar é coisa séria; foi durante as aulas, que percebi a importância de criarmos possibilidades e ambientes apropriados para nossas crianças no espaço de educação.

Brougère (1995) nos diz com esse trecho, que aprendemos a brincar, e que cada criança, com sua forma de brincar, vai se interessando e se complementando com o outro, muitas vezes de forma indireta, e cada um que vai chegando, vai criando momentos diferentes e significativos. Vejo isso na minha prática. Onde trabalho temos um espaço incrível e é lá que eu posso perceber os momentos em que a brincadeira está presente.

Trabalho com uma turma de maternal e é muito interessante ver a forma como a brincadeira está inserida na vida deles. Por cada espaço que passamos, seja na horta, no gramado, no pátio, no parquinho, quadra, aulas

extras e sala de aula, tudo vira brincadeira. Por conta disso, em toda atividade que vou construir com eles, a brincadeira tem que estar presente.

Antes, eu não percebia essas incríveis invenções. Quando íamos na horta e fazíamos uma sopa de lama, por exemplo, eu percebia no olhar de algumas pessoas que trabalham comigo, o quanto aquilo não era visto como apropriado para o momento, porque fazia sujeira e, na realidade, ninguém quer ter trabalho. Até então, eu parava o que estava fazendo e dava importância ao que achavam, e não ao que as crianças estavam me devolvendo naquele momento tão importante e fantástico. Quando autorizo as crianças a fazerem sem medo o que estão fazendo, permito que elas vão além. Amo quando estamos brincando com a massinha e elas, por livre e espontânea vontade, começam a criar alimentos e vêm me dar ou fingir que estão vendendo. Dali, tiro muitas dicas de lugares que elas frequentam, o que costumam fazer, como se dão as relações em casa, etc. Ou seja, se torna um rico momento de observação dos interesses das crianças.

Nas brincadeiras elas expressam seus sentimentos, o que também acontece na hora de desenhar, e um olhar observador para esses momentos faz toda diferença. Será que devemos interferir nos momentos de criação? Podemos sim, mas sempre de forma positiva, percebendo os movimentos da criança e a hora certa de intervir. Se estamos vendo que uma criança está fora do mundo real, imaginando, mergulhada no faz de conta, devemos chegar com cuidado, para não tirá-la daquele momento prazeroso de criação. Mas se a criança está aberta, interagindo, ou, até mesmo, tentando se chegar numa brincadeira, nós podemos contribuir para tornar aquele momento ainda mais rico e significativo, entrando com tudo, mergulhando na imaginação.

Uma das coisas que sempre me chamou atenção e que falamos em aula, é sobre os brinquedos separados por gênero - brinquedo de menina e brinquedo de menino. É essencial deixarmos as crianças experimentarem e terem contato com todos os tipos de brinquedos possíveis, não limitá-las por nosso preconceito, pelo equivocado e ultrapassado pensamento de que os brinquedos devem ser classificados por gênero, que menino só pode brincar com “coisas” de menino e vice versa.

É muito interessante também, quando as crianças entram em contato com o que não conhecem, ou que tiveram pouco tempo para explorar. Em uma

de minhas aulas, lendo um livro de Sonia Junqueira, tinha a palavra peteca, perguntei às crianças se sabiam o que era. Todas responderam não e nem conseguiram buscar na imaginação alguma palavra além do não, pois de fato este elemento cultural não era parte do repertório delas. No dia seguinte, na rodinha, li o livro novamente e de dentro da nossa “giracaixa” (girafa+caixa) tirei a peteca. Elas se espantaram e ficaram ansiosas para tocar, e combinamos uma atividade onde eu ensinaria como se brinca e elas poderiam interagir com a novidade.

E foi o que fiz, fui ensiná-las a brincar de peteca. Foi muito divertido e engraçado; as crianças correram, aprenderam novas habilidades ao terem que jogar a peteca; prestaram atenção à explicação; interagiram com os colegas; esperaram sua vez, e ainda riram muito de tudo isso. Cada uma com seu jeitinho fez a brincadeira ganhar vida. A peteca foi tão usada, que acabou “morrendo”, sem penas, ficando apenas com a borracha da base.

Cambalhotas e cambalhotas, tudo ficou divertido, quando fomos até para o tatame ver quem sabia fazer cambalhota. Lembrando desse momento tão especial com meus pequenos, rememorei a primeira vez que Cristina Porto nos levou à brinquedoteca do Pró-Saber. Lá é seu cantinho e poder estar lá com minha turma foi muito especial. Chegamos e só observamos o espaço, a forma de organização dos brinquedos, se estava nos convidando e de que forma. Ninguém tocou em nada, até que a professora permitisse, e com este encaminhamento, pudemos refletir sobre uma prática que usamos com as crianças, olha só a gente fazendo o que tanto pedimos para as crianças.

Cris então deu carta branca e lá fomos nós. Eu peguei um gatinho com cadarços, explorei e aquele objeto não fez muito sentido para mim. Cheguei perto da Cleide, que estava com as panelinhas, e também logo me desinteressei. Foi aí que vi minhas outras colegas pulando corda. Caramba que volta a infância que fiz! eu amava pular corda e tinha umas musiquinhas que eu adorava quando cantavam, porque eu era fera. Uma delas é assim: “Um homem bateu em minha porta e eu abri, senhoras e senhores ponham a mão no chão, senhoras e senhores pulem de um pé só, senhoras e senhores dêem uma rodadinha e vão pro olho da rua!”. Quando começaram a cantar, me arrepiei e pude ser feliz mais uma vez com o que eu amava fazer em minha infância.

Esta atividade me fez refletir não só sobre a importância do que é significativo para cada um, mas refletir sobre o que mais me chamou atenção naquele espaço. A brincadeira é um encontro de artes e manifestamos ela quando brincamos. A música estava sempre presente nas minhas brincadeiras e em todo entorno da minha vida.

Esse movimento faço em minha prática, observando e me interessando pelo que chama mais atenção das crianças, buscando trazer a brincadeira como arte através de atividades lúdicas, música, pinturas, jogos e afins.

As artes, como linguagem, são expressão de conhecimentos sociais e culturais que possibilitam às crianças exercer seu potencial imaginativo e criativo. Nas atividades artísticas, as crianças conectam-se com seus sentimentos, dando forma à imaginação. Observando as crianças pequenas brincando, temos a certeza de uma unidade expressiva. Para elas, arte e vida são realmente a mesma coisa. (MOURA, 2009, p.77).

É isso que venho fazendo e criando na minha prática, momentos significativos para que meus alunos, quando crescerem, tenham boas memórias da educação infantil, onde o inventar, o criar, o imaginar tenha sempre espaço, ao contrário de mim, que não lembro de muita coisa. Espero continuar ensinando e aprendendo, numa experiência feliz, cheia de trocas e descobertas!

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Construir esse trabalho me fez perceber o quanto temos de história e cultura e como elas vão e estão ao nosso encontro a todo momento. Me fez entender a dor de cada uma, pois, quando compartilhamos nossas histórias e vivências no grupo, percebemos que muitas vezes temos a mesma dor do outro, apesar de sermos únicos em nossa singularidade. Levo desse curso o empenho que precisamos ter para que nossos objetivos sejam alcançados e que, quanto maior a luta, maior a vitória. Não tenho palavras para descrever minha emoção em estar chegando ao final e por ter compartilhado um pouco da minha história com meus colegas, e agora com o mundo.

Madalena me inspira muito e estar inserida e vivendo com base em sua metodologia me faz me sentir mais feliz do que nunca. O que levo de mais latente em mim, de todos os instrumentos metodológicos, é o planejamento, que refez minha prática de educadora. Planejar para mim já foi um fardo, e hoje é totalmente ao contrário, é uma das coisas mais prazerosas que faço em minha rotina de educadora, pois, ao fazê-lo, penso em meus alunos, e lembrar deles e fazer algo por eles me deixa completamente extasiada e animada para a semana que se inicia. Esse amor vai florescendo cada dia mais e mais. Vocês devem estar cansados de ler que me encontrei na educação infantil, mas, felizmente, foi isso mesmo. Eu tenho uma química muito boa com as crianças e quero tê-las por perto, se possível, para sempre.

De tudo que foi aprendido e compartilhado, o brincar foi o que mais me fez refletir, me cutucou, me desequilibrou, por ser algo tão potente e presente na rotina e no desenvolvimento das crianças e, ao mesmo tempo, ser algo que passava sem que eu me desse conta, sem dar importância. Aprender sobre o brincar me fez perceber que é brincando que se aprende e que as brincadeiras são parte da educação infantil de forma contínua.

Me sinto privilegiada por ter me encontrado tão cedo na área que quero atuar, mesmo antes tendo passado por outro caminho que foi a enfermagem. Tenho orgulho e grito para o mundo, o quanto todos os professores do Pró-Saber são importantes na minha vida. Pela primeira vez levarei e guardarei professores em minha memória, e o mais importante, professores sobre os quais só levo lembranças positivas.

REFERÊNCIAS

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR 14724:2011** – Informação e documentação – Trabalhos acadêmicos – Apresentação. Rio de Janeiro: ABNT, 2011.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**: educação é a base. Brasília, DF: MEC/SEB, 2018. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf. Acesso em: 11 jul. 2022.

BORBA, Angela. **A brincadeira como experiência de cultura**. In: CORSINO, Patrícia (Org.). **Educação infantil**: cotidiano e políticas. Campinas, SP: Autores Associados, 2009.

BROUGÈRE, Gilles. **Brinquedo e cultura**. São Paulo: Ed. Cortez, 1995.

GENESCÁ, Ana Carpenter; CID, Lucia de Araújo. **Pró-Saber**: Imaginação e Conhecimento. Rio de Janeiro: Edições Pró-Saber, 2013.

FERRARI, Marcio. António Nóvoa, o garimpador de histórias de vida. In: **Revista Nova Escola**. São Paulo: Abril, n. 215, set.. 2008. Disponível em: <https://novaescola.org.br/conteudo/1666/antonionovoa-o-garimpador-de-historias-de-vida>. Acesso em: 2 junho. 2022.

FREIRE, Madalena. **Educador educa a dor**. São Paulo: Paz e Terra, 2008.

FREIRE, Madalena. Sobre os instrumentos metodológicos na concepção democrática de educação. Rio de Janeiro: Comunidade Pró-Saber, 2014.

INSTITUTO SUPERIOR DE EDUCAÇÃO PRÓ-SABER. **Projeto Político Pedagógico**: Curso Normal Superior. Rio de Janeiro: Pró-Saber, 2008.

MOURA, Maria Tereza Jaguaribe de. A brincadeira como encontro de todas as artes. In: CORSINO, Patrícia (Org.). **Educação infantil**: cotidiano e políticas. Campinas, SP: Autores Associados, 2009.

NÓVOA, Antonio. A formação de professores. In: NÓVOA, Antonio. **Formação de professores e profissão docente**. Lisboa: Universidade de Lisboa: Repositório. UL., 1992. Disponível em: <https://core.ac.uk/reader/12424596>. Acesso em: 2 junho. 2022.

PIAGET, Jean. **Seis estudos de psicologia**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2015.